

## **Esperando peregrinar até Santiago de Compostela Ano Santo Compostelano 2021**

Queridos peregrinos:

Ao convocar-vos para participarem no Ano Santo de 2021, fazia-o numa situação muito diferente da actual, após o Covid-19 . Sou consciente que ao oferecer-vos esta reflexão uma parte considerável da população mundial está afectada, de qualquer modo, pela pandemia provocada pelo coronavírus, que se converteu numa palavra indesejada, convidada quotidiana em todas as casas.

Muitos dos que de vós vêm até Santiago talvez tinhas perdido pessoas muito queridas. Caminhareis com lágrimas nos olhos , mas os vossos passos não vacilarão porque acreditam em quem vos assegura *“Eu sou a Vida”* (Jn. 14, 7). O Apóstolo Santiago, testemunha da humanidade sofredora e ressuscitada de Jesus, está à vossa espera neste Ano Santo para abraçar a vossa dor e para se deixar abraçar por vós.

Estou convencido de que, por este motivo, a convocatória de fé terá ressonâncias muito vivas de esperança numa peregrinação que tem o selo internacional.

### ***I.***

#### **Uma terra que sofre**

***“Como cantar um cântico do Senhor! quando “as lágrimas são o meu pão noite e dia” (Ps 137, 4 y 42, 3)***

A etimologia latina da palavra «jubileu» junto ao significado original bíblico de «yobel», corno do cordeiro utilizado como instrumento sonoro com o qual se anunciava un ano excepcional dedicado a Deus, os matizes de alegria, gozo ou louvor. Mas, como anunciar de novo um ano jubilar perante esta paisagem desoladora que a pandemia nos está a impor, trocando trágica e inesperadamente as vidas de tantas pessoas? Em apenas algumas semanas, muitos dos seus projectos ficaram reduzidos a nada, como se, ao despertarmos de um sonho mau, a realidade fosse um pesadelo que arrebatou os seus postos de trabalho, alterou o dia a dia e, o que é bem pior, acabou nalgumas famílias com a vida dos mais próximos.

Esta pandemia tornou-nos mais conscientes da nossa vulnerabilidade e da fragilidade das nossas vidas. Talvez pudessemos adoptar

actitudes heróicas diante de inimigos identificáveis, mas como é que nos comportarmos ante algo invisível aos nossos olhos, indetectável ao contacto ordinário?

Não é necessário aprofundarmos os sofrimentos derivados desta situação e, para os quais muitos de vós, peregrinos, se converteram numa parte do vosso equipamento para o caminho: a mortalidade disparou, sobretudo, embora não exclusivamente, entre os idosos; o cansaço até à exaustão por parte do pessoal que trabalha no mundo sanitário; o distanciamento social de todos os que, no melhor dos casos, só podem ver os seus seres queridos através de conversas online e que já chegou até à privação do último adeus, dolorosa para quem nos deixou e não se pode despedir; o medo dos que queriam sair de casa mas não o querem fazer, para não contagiar ou ser contagiado, e o medo dos que queriam ficar em casa mas não podem, porque a sustentabilidade da sociedade humana depende de si e do seu trabalho; a crise económica e laboral da qual só começamos a ver alguns efeitos, mas que, sem dúvida, acarretará novos e graves sofrimentos, sobretudo nas camadas mais sensíveis da população.

Para os cristãos acrescentou-se mais uma carência, tanto mais dolorosa quanto porque coincidiu com um período litúrgico tão especial como a Quaresma e a Páscoa. Os templos estiveram vazios e, em muitos casos, fechados. A comunidade cristã não se congregou para celebrar a sua fé. Dificilmente podem os Bispos ter memória de uma decisão tão triste, na nossa história individual como colectiva, como foi a de suspender o culto público da Igreja com presença da comunidade de fiéis do povo de Deus. Uma decisão, desde logo, não guiada pelo medo, mas unicamente pela caridade; não pelo temor do contágio, mas sim pelo receio de nos convertermos em transmissores da infecção.

Os fiéis cristãos estiveram privados do corpo sacramental de Cristo, mas também os pastores, mesmo quando continuaram a celebrar na intimidade das suas igrejas, capelas, ou lares, foram privados da presença física do corpo de Cristo que é a Igreja. É bem verdade que a Igreja está mística y espiritualmente presente inclusivamente quando um sacerdote celebra a eucaristia em privado, mas, sem dúvida, para atingir a sua plena expressão e manifesta do povo de Deus é um elemento essencial, inclusivamente em ausência da sacramentalidade da Igreja, na sua natureza e nos seus actos. A Igreja como un rio continuou a discorrer e a refletir as nossas caras de espanto nas suas águas enquanto continuava o seu curso. É a Igreja humilde e próxima

da condição humana e espiritual do Homem, e a que nos traz salvação e esperança.

**“ Ficai , pois , sempre despertos”** (Lc. 21, 36)

Contudo, o fecho dos templos não supôs nem de perto nem de longe, o fechar da Igreja. Os párocos não desertaram da sua grei e continuaram disponíveis para atender todos os que precisam de ajuda, material ou espiritual; acompanharam os moribundos e os defuntos na sua despedida para a casa do Pai; assim como fazem com particular denodo os capelães de hospitais e centros de saúde. Alguns fizeram-se presentes através dos meios informáticos, quer seja para retransmitir a eucaristia e outras celebrações, quer para apoiar com pensamentos e comentários a esperança dos fiéis. Não se deve ver nisto, como alguns podiam suspeitar, sinais de vaidade de quem, privado de um povo a quem guiar, necessita fazer-se presente mediaticamente; mas, pelo contrário, o sinal de uma necessidade pastoral de não perder o contacto com aquela comunidade concreta com a qual se forma família no decurso quotidiano. A Igreja é, ao mesmo tempo, universal e local; por isso tem sentido, inclusive teológico, que os fieis cristãos acompanhem as cerimónias retransmitidas pela sua comunidade local, tanto diocesana como paroquial.

Por outro lado, muitos foram os leigos que reforçaram, paradoxalmente,ba sua consciência de pertença á Igreja. Uma pertença que não brota da dependência para com os pastores, mas sim pelo sacramento que nos torna iguais a todos os membros do Corpo de Cristo. Exerceram o seu sacerdócio baptismal, rezando em casa. E, apesar de obviamente não no seu aspecto sacramental, também puderam realizar un sacrifício de acção de graças (que é o significado de “eucaristia”) na benção do pão no início das suas refeições.

Aspecto exímio desta Igreja que não abandona a sua missão, que não foge perante o lobo do temor do contágio, é feito pelo numeroso voluntariado que, através da *Caritas* ou de outras associações, ou a título pessoal, não faltou um único dia ao compromisso de que esta situação, já má em si mesma, não se alimente de forma irremediável com os mais débeis da sociedade.

**“Enquanto me repetem todo o dia :Onde está o teu Deus?”** (Ps 42, 3)

Ultrapassados por algo de apariência tão insignificante como um vírus, não é nada estranho que tentemos encontrar um sentido para tudo isto. Ao fim e ao cabo, uma ameaça tão global ontra a humanidade não pode resultar de uma mera mutação natural. Ou talvez seja uma mensagem enviada pela

Natureza para que regressemos a estilos de vida mais simples, menos industrializados. Ou, quem sabe, se é a manifestação física dos problemas sociais da globalização. Qualquer coisa, menos o de reconhecer que a própria Natureza que possibilita a nossa existência como espécie é a que permite que um organismo patógeno se adapte ao habitat humano e utilize os nossos corpos para se multiplicar e transmitir.

Também surgiram tentativas de explicar esta situação insólita através de uma perspectiva teológica. Não é nada de novo. Os discípulos de Jesus, perante o cego de nascença, perguntam: *“Mestre ¿quem pecou: este ou os seus pais, para ter nascido cego?”* (Jn. 9, 2). Diríamos que, querendo ter o controle sobre tudo, sentimo-nos impotentes e perdidos perante as desgraças que nos acontecem de forma natural. Precisamos dar rosto ao sofrimento. Não no sentido de nos comportarmos humanitariamente com quem sofre, mas conquanto nos sentimos mais seguros e menos ameaçados então sim, podemos descobrir uma intenção daquilo que causa o nosso mal.

Não será uma mensagem de Deus? Nestas semanas circularam através das redes sociais pensamentos de todo o género, com as interpretações teológicas mais díspares, mas que têm em comum um conteúdo religioso... ou ateu. Talvez Deus esteja a voltar as costas a um mundo que previamente O tinha esquecido ou renegado. Ou está a castigar, como nos tempos de Noé, a humanidade pecadora. Ou talvez seja Deus a por á prova a fé dos seus filhos. Ou, simplesmente, está demonstrando que não se interessa por nós porque, provavelmente como alguns pensam, nem sequer existe. O curioso é que este género de resposta já vem dos tempos bíblicos, de tal forma que um mesmo acontecimento, como a derrota numa batalha ou uma peste, pode significar que Deus nos castigou, nos abandonou ou nos está a testar.

**“Não se turve o vosso coração, crêde em Deus y crêde também em mim ”  
(Jn. 14, 1 y 27)**

*“Acercaram-se a Ele os fariseus e os saduceus e, para o pôr à prova, pediram-lhe que lhes mostrasse um sinal do céu. Respondeu-lhes : ao entardecer dizeis: Vai ficar bom tiempo, porque o o céu está vermelho. E pela manhã: hoje vai chover porque o céu está vermelho escuro. Sabeis distinguir o aspecto do céu e não sois capazes de distinguir os sinais dos tempos?”* (Mt. 16, 1-3).

Antes de mais , é necessário pôr sensatez nos nossos discursos e não nos deixarmos cegar pelo imediato de uma situação que não é, nem sequer, nem a primeira nem será a última vez a acontecer. Epidemias, inclusive de grande extensão territorial, aconteceram desde os tempos mais remotos até aos

nossos dias. Para não lembrarmos as pestes que na Idade Média e na Idade Moderna que chegaram a matar mais de metade da população nalguns lugares, basta recordar que há mais ou menos um século atrás a gripe chamada de “espanhola” dizimou sem piedade grande parte da população mundial.

Outro aspecto que nos deveria fazer refletir sobre as nossas reacções é que semelhantes epidemias ou catástrofes parecem questionar as nossas convicções tão sómente quando as vivemos de perto, enquanto que nos deixam intelectualmente tranquilos quando sucedem a milhares de quilómetros das nossas sociedades modernas. Como se a fragilidade e a precariedade da existência fossem circunstâncias que damos por menores nos países “pobres” mas desafiam as nossas renças quando afectam os países “ricos”.

Sem dúvida, é difícil pensar quando a nossa vida está ameaçada da sua existência, mas também na sua maneira de existir. Podia parecer que estamos discutindo sobre a composição da água enquanto nos afogamos no oceano. Mas temos de ter cuidado para que a pandemia não leve consigo, juntamente com tantas vidas e a confiança nas relações humanas, também a nossa capacidade de pensar racionalmente. E também temos de ultrapassar este pensar racional como pessoas que crêem, evitando histerias teológicas que, em última instância, nos mostram um rosto deformado de Deus.

Sem nos podermos imiscuir no complexo problema do mal e a possibilidade de compatibilizar o sofrimento com a fé num Deus bom, sábio e poderoso, temos de partir de duas permissas, uma filosófica e outra religiosa. A primeira é que as mesmas leis naturais que permitem a nossa existência como humanos são as que permitem que os seres humanos estejemos submetidos às ameaças do nosso entorno, incluindo a doença. Sem a química que torna possível a existência de vírus contagiosos e potencialmente letais, também não existiria a vida humana. A segunda é que Deus não é o grande prestigeador que movimenta os fios da História. Mesmo quando a perspectiva crente é capaz de descobrir nos acontecimentos uma mensagem divina, não podemos pensar que Deus é quem provoca as guerras, as inundações ou as fomes. Nem as epidemias, claro está.

## **II.**

### *Caminhando para o Ano santo*

Estas e outras coisas, não podiam passar-nos pela cabeça no passado mês de dezembro, quando só se tinham notícias de uma nova infecção

numa região da China, desconhecida para muitos de nós. Nesse mês vinha à luz a minha carta pastoral *“Sai da tua terra. O Apóstolo Santiago espera-te”* para preparar o Ano Santo Compostelano de 2021, dirigida a uma sociedade que já não parece ser a nossa.

Os caminhos, até há não poucas semanas cheios de peregrinos, estão agora desertos. Os albergues já não acolhem os caminhantes que buscam o seu encontro com a fé do Apóstolo Santiago, já que não poucos foram reconvertidos em alojamento temporário de pessoas sem tecto ou de trabalhadores sanitários deslocados de suas casas. As nossas casas, cálido refúgio que nos acolhiam ao regressar do trabalho, hoje em dia surgem como prisões alheias que nos fazem sentir estrangeiros no nosso próprio lar. Hoje vivemos rodeados da incerteza que nos faz desconfiar de tudo e de todos, e que dificulta confiar também no futuro.

É bem verdade que, com todo o sofrimento que nos rodeia e que evocávamos no início, se pode ver como insignificante o problema de como enfrentar a nossa celebração, vital e pastoral, do Ano Jubilar Compostelano, mas é algo que deveremos ter em conta pois, não sabemos em que tempos nem em que modos poderemos ir recuperando uma vida que provavelmente nunca poderá ser igual à que tivemos até agora.

Nestes momentos o futuro está condicionado à ideia de *suspendere e adiar*: muitos acontecimentos de carácter pastoral, cultural, social e desportivo, suspendem-se e outros adiam-se para novas datas. O Jubileu Compostelano, que mergulha na mais profunda tradição bíblica e cristã dos Anos da Graça do Senhor, mais que nunca quer ser um tempo para a alegria e para a libertação, uma oportunidade para começar de novo, graças à misericórdia do Senhor que, como Deus amoroso e providente, acompanha e cuida do seu Povo. Por isso quis partilhar com vós todos estes pensamentos; para que, à luz dos novos acontecimentos, possam servir de ajuda para continuarmos a preparar este acontecimento jubilar, que seguramente seja a expressão do desejo profundo de tantos e tantos corações.

Agora, a nossa preocupação pastoral ao convocar o Ano Santo Compostelano 2021 deve ser *transformar* com criatividade a nova realidade que nos vai caber viver conforme o espírito do livro do Apocalipse. Perguntamo-nos: *o que é que nos diz o Senhor do tempo e da história, o Alfa e o Omega, a quem peregrina nesta atribulação?*<sup>1</sup>. Também como ao evangelista S. João, responde-nos

---

<sup>1</sup> Cf. Capítulos 2 y 3, 21 y 22 do Livro do Apocalipse

hoje: *“Não temas; eu sou o Primeiro e o Último, O que vive; estive morto, mas repara : vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do abismo”* (Apoc. 1,1 7-18). *“Olha, faço novas todas as coisas... Estas palavras são fiéis e verdadeiras”* (Apoc. 21, 5).

Com esta confiança à luz das Escrituras temos que interpretar estes acontecimentos da mesma maneira como Jesus fez com os seus discípulos de Emaús. Além disso, temos de revitalizar as nossas raízes ao encontro da tradição apostólica para reconhecer *“que a fé é a capacidade sobrenatural para captar e viver a realidade do mistério de Cristo no mundo, a esperança cristã é a capacidade sobrenatural do coração para fazer de Jesus um ideal exacto e seguro, digno de ser vivido com todas as consequências, e a caridade é a capacidade gratuita que nos garante em Cristo poder fundir a nossa vida com Ele, e com Ele em Deus por amor filial”*<sup>2</sup>.

- **Ver com olhos de Deus: “Quem ama Deus tudo lhes serve para fazer o bem” (Rom. 8,28)**

Em primeiro lugar, a actual situação oferece-nos a oportunidade de extrair lições de quanto acontece, para a nossa forma de entender a realidade, para a nossa relação com as coisas e as pessoas e para o nosso estilo de vida e acção. Diz S. Paulo que *“aos que amam a Deus tudo lhes serve para o bem ; aos quais chamou conforme ao seu desígnio”* (Rom. 8, 28), mas estava consciente de que as coisas não iam bem e não aconteciam como ele tinha desejado. O amor de Deus, é o que coloca o bem no seu lugar, onde aos olhos do mundo, só existe o mal. Pois o amor que, quando é sincero é divino, inclusive quando o sujeito não seja consciente disso, o mal torna-se ocasião de desenvolver o serviço, o acolhimento , o cuidado, a solidariedade; numa palavra, a caridade, que nunca acontecerá (cf. 1Cor. 13, 8).

No meio da escuridão da noite, a luz de Cristo ilumina-nos. Quantas vezes a sede nos leva a encontrar a fonte apesar de ainda ser noite! e, apesar de, como diz Isaías *“os meus planos são os vossos planos, os vossos caminhos são os meus caminhos”* (Is. 55, 8), não devemos temer *“pois até os cabelos da vossa cabeça estão contados”* (Mt 10,30). E nesta situação, existe uma coisa que sempre se deseja : a ternura humana. Não devemos permitir que enferme e se debilite o nosso espírito e neste sentido considero que a peregrinação até Deus, até si

---

<sup>2</sup>J. ORDOÑEZ MARQUEZ, *El Evangelio en la vida de la Iglesia, I. Oración y vida litúrgica*, TOLEDO-AVILA 1989, 416.

próprio e até aos outros, reflectida também na peregrinação jacobea, nos ajudará a fortalecer a nossa espiritualidade, vivendo o sentido penitencial e a conversão a Deus, característica própria desta peregrinação.

- **Fortalecer as raízes: “como uma árvore plantada junto ao canal: dá fruto na sua época e as folhas não murcham ” (Ps 1, 3)**

O homem que confia no senhor é como “*uma árvore plantada à beira de um canal : dá fruto na sua época e não murcham as suas folhas*” (Sal 1, 3). A peregrinação ao túmulo do Apóstolo Santiago durante o Ano Santo nos ajudará a voltar à essência fundamental do cristianismo, identificando-nos com a pessoa e a história de Jesus, e dando testemunho de que o cristianismo é um modo fascinante de viver a própria humanidade no momento de dar sentido à existência. O ensinamento dos apóstolos, garantes do testemunho de toda a Igreja, é viver em espírito de comunhão que se explicita na união interna dos corações manifestada na unidade, num mesmo ânimo, em partilhar os bens e, na oração seja ela privada ou comunitária, de súplica, louvor, ou de acção de graças, como se reflete no peregrinar cristão.

O sentimento religioso não desaparecerá jamais porque não se pode eliminar do coração do Homem a promessa sobre a própria vida que sempre bordeja o mistério. Dá-nos confiança no meio de tudo saber que estamos chamados a colaborar com a Igreja, apesar do seu destino não depender de nós, e que nós dependemos de Cristo que nos diz: “*Sem mim não podeis fazer nada*” (Jn. 15, 5), como manifesta São Paulo quando escreve: “*Tudo posso n’Aquele que me conforta*” (Fil. 4,13). O fruto nunca está nas nossas mãos. Na missão não está incluído o êxito, mas esta certeza não nos deve levar nem à indiferença, nem à passividade nem a sermos prisioneiros dos nossos próprios projectos. Não temos desculpa para não dar frutos de santidade que glorifiquem a Deus. A realidade é sempre maior que os nossos esquemas. A vida é em si mesma vocação que deve ser vivida sempre com esperança cristã. É o momento de estar com as lâmpadas acesas (cf. Mt. 25, 1-13) embora a espera se prolongue. Uma Igreja assim interpelará profeticamente e nunca defraudará.

- **Crer, para perceber na escuridão da dor a luz de Cristo Ressuscitado**

A fé cristã não faz promessas num futuro melhor a expensas da presente realidade. Não é o sonho em que se refugia quem calcula a carga da vida. Os que creem em Cristo “*sofrem com os que sofrem*” (Cf. 1Cor. 12, 26). Tomam muito a sério a dor do próximo, que os comove e os empurra a fazer



alguma coisa para o remediar. Esta fé urge-nos para que neste Ano Santo tomemos a cargo o impacto dilacerante causado pela pandemia aos nossos concidadãos.

A fé não necessita do sofrimento para se revalorizar. Não “negoceia em alta ” quando o ser humano está a sofrer, nem Deus nos aguarda pacientemente atrás da desgraça para que nós, homens, acabemos por o adorar. A nossa dor é a sua dor<sup>3</sup>. Ele quis fazer-se um de nós experimentando as nossas dores e a nossa própria morte. Entregou a sua vida para que nós a tenhamos em abundância.

No meio da tormenta a nossa fé deve permanecer serena no Sim de Deus. Esse Sim não nos protege, nem nos torna imunes à desgraça. A fé não é uma espécie contrária, faz-nos sair dos nossos abrigos pessoais e institucionais para fazer presente esse Sim de Deus em todos os sítios dolorosos deixados pela pandemia. Permanecer na fé implica levantarmo-nos para seguir las pisadas do Crucificado. Ele está realmente presente naqueles viram desfazer-se o solo sobre o qual apoiava a sua vida.

O Evangelho não nos conduz à resignação, nem muito menos ao ingénuo triunfalismo. A nossa fé nasce da vida de Jesus na Galileia dando a sua vida pelo Reino de Deus, e da sua entrega até ao extremo, com a sua morte na cruz em Jerusalém, e da sua ressurreição. A ninguém como ao cristão deve doer tanto a dor dos outros, mas essa dor nunca será impeditiva ou escândalo para desistir da sua confiança em Deus: o seu amor deixou-se crucificar e vive para todos. Por isso, a fé cristã é, no fundo, o realismo mais humano. A nossa esperança é serena: tem a certeza de que *“nada nos separará do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus”*, nem sequer esta morte temporal (Cf. Rom. 8, 35).

O cristão sabe que a pior das mortes não é a que nos pode arrebatara desta vida, que é por natureza frágil e temporal, sujeita a limites e finita, mas a morte efectiva do coração que desespera da misericórdia de Deus e é indiferente aos irmãos: *“Tens nome igual ao que vive, mas estás morto”* (Ap. 3,1).

---

<sup>3</sup>“Deus não pode padecer , mas pode compadecer -se. O homem tem um mérito tão grande para Deus que se fez homem para poder compadecer-se. Ele mesmo como homem, de modo muito real, em carne e sangue, como manifesta o relato da Paixão de Jesus. Por isso em cada pena humana entrou alguém que partilha o sofrimento e o padecer; daí que se espalhe em cada sofrimento a *consolatio*, o consolo do amor participado de Deus e, assim aparece a estrela da esperança”: BENEDICTO XVI, *Spe salvi*, 39.

Dessa morte é a que pedimos na oração que nos ensinou Jesus, *“livra-nos do mal”* (Mt. 6,13).

Neste Ano Santo de graça e reconciliação projecta-se a partir a casa do Apóstolo Santiago a luz da fé; a fé inquebrável que Deus tem nesta humanidade concreta que está a sofrer, pela qual seu Filho se entregou até ao limite. É a prova da fidelidade de Deus até à sua morte por nós. Neste momento de escuridão, é quando melhor se pode sentir o brilhar da única luz verdadeira, Jesus Resuscitado, o amor crucificado de Deus por nós.

- ***Amar: a fé cristã fala com as mãos, porque é “a fé que actua mediante a caridade” (Gal. 5, 2)***

Queridos peregrinos, exorto-vos a contemplar a figura de Cristo mostrando as palmas das suas mãos ressuscitadas sobre o mainel do Pórtico da Glória. Nelas reconheceréis tatuado o Sim definitivo do Pai ao seu Filho Jesus Cristo, e a todos vós, seus filhos. As mãos abertas do resuscitado são, como o foram para os Apóstolos, superados pelo medo, sinal evidente de que o amor do Pai é mais forte do que a morte: *“Olhai para as minhas mãos e os meus pés, sou eu em pessoa”* (Lc. 24,39). Através delas, Jesus Cristo está a dizer-vos: *“A Paz esteja convosco”* (Jn. 20, 19). Quem contemple com a fé do Apóstolo estas mãos poderá reconhecer nelas todo o peso da dor do mundo e também o realismo da sua esperança. Quem as oferece experimentou na própria carne a morte que tingiu de luto as nossas cidades e aldeias, e é ele que nos pode dizer: *“Estive morto,mas agora estou vivo pelos séculos dos séculos”* (Ap. 1, 18). Na sua ressurreição todos vivem o seu presente eterno e os seus nomes ficam inscritos no livro da vida, inclusive, apesar de terem morrido na mais completa solidão do nossos hospitais e residências. As nossas vidas estão tatuadas em Deus: *“levo-a gravada como uma tatuagem nas minhas mãos”* (Is. 49,16). Nas chagas gloriosas do Senhor estão todos os nomes.

Não podemos ter palavras vãs para os que se ficaram sem o mais básico e sem o trabalho que alimentava as suas famílias. A fé cristã fala com as mãos, porque é *“a fé que actua através da caridade”* (Gal. 5, 2). Nestes tempos atribulados, permaneçamos na fé, que não é a quietude de um fervor individualista, mas que nos faz próximos de todos os que hoje estão pedindo no seu dia a dia *“anota no teu livro a minha vida errante, recolhe as minhas lágrimas no teu odre, oh meu Deus!, as minhas fadigas no teu livro”* (Sal. 56, 9). Façamos nossa a sua oração para que assim, a súplica unanime dos que formamos todo

o Corpo de Cristo chegue com mais força do que a que fazem na solidão do seu desconsolo muitos dos seus membros.

Este Ano Santo é uma ocasião providencial para nos reconciliarmos com Deus e também com os nossos irmãos se à súplica de uns por outros, unirmos a nossa solicitude activa para com os que pior estão passando. Por isso, não esqueçamos “o órfão, protejamos a viúva”, para que, quando apresentemos a nossa oração não recebamos por resposta: “mesmo que multipliqueis as vossa oração, no vos escutarei” (cf. Is. 1, 15-17).

- **Esperar : Sementes do Reino para uma Humanidade melhor**

Os esforços que se tem vindo a realizar para paliar as consequências da pandemia mostram o melhor do ser humano quando colabora entre si para o bem comum. Tudo isto não deixa de ser un reflexo do Reino anunciado por Jesus. O trabalho coordenado de equipas científicas de diferentes centros de investigação augura no horizonte um remédio esperado para a pandemia.

Este facto, para nós cristãos, não é também um sinal dessa harmonia desejada pelo Criador para a qual está convocado todo o género humano? É certo que esta cooperação não anula a pergunta de sermos capazes deste esforço unicamente quando periga a engrenagem das sociedades mais desenvolvidas. Nunca, como antes, estamos conscientes de que vivemos na aldeia global, e isso, não somente devido às novas tecnologias, mas pela mordaz consciência de uma “saúde global”.

Não obstante, o cenário provocado por uma pandemia que, por definição afecta a todos, alimenta a esperança de uma melhor humanidade. Os nossos filhos, também vítimas desta situação, não nos deixaram de nos lembrar durante todo este tempo. Eles, que são o futuro das nossas sociedades, observavam espectantes o mundo exterior através das janelas das suas casas com o desejo e a esperança de poder sair para brincar com os seus amigos. Sem dúvida, “dos que são como eles”, dos que veem o mundo desta maneira, com esperança, “é o Reino dos céus” (Mt. 19, 14).

Sem dúvida, são nestes momentos em que entrou em risco a saúde de todos, que tem de dominar o princípio da subordinação da propriedade privada ao destino universal de todos os bens, regra de ouro do comportamento social<sup>4</sup>, incluindo como bem básico o conhecimento científico. “Os cientistas, precisamente porque

---

<sup>4</sup>FRANCISCO, *Laudato si*, 93.

"sabem mais", são chamados a "servir mais". Dado que a liberdade que gozam na investigação lhes permite o acesso ao conhecimento especializado, têm a responsabilidade de o usar sabiamente em benefício de toda a família humana"<sup>5</sup>.

Este Ano Santo apela à consciência de todos aqueles que se sentem discípulos de Jesus consagrados à investigação científica, para que, na medida das suas possibilidades, orientem os seus esforços para o bem comum partilhando-os, baseados numa verdadeira *justiça científica*. "Os troncos e as cadeias que temos de quebrar" (Is. 58, 6) são também os que estão a condicionar e a limitar a sua investigação, quando pretendem converter-la em instrumento ao serviço das corporações internacionais. A vida de milhões de pessoas depende de tudo isso.

O conhecimento aplicado das ciências da saúde, incluindo as patentes que podem salvar milhões de vidas, não se pode converter num producto mais a que só tenham acesso que sociedades mais ricas. "O desenvolvimento nunca estará plenamente garantido por forças que em grande parte são automáticas e impessoais, sejam elas provenientes das leis do mercado ou de políticas de carácter internacional. O desenvolvimento é impossível sem homens rectos, sem operadores económicos e agentes políticos que sintam forrtemente na sua consciência a chamada ao bem comum"<sup>6</sup>.

As palavras que Jesus dirigiu aos seus discípulos depois da mãe de Santiago e o seu irmão João lhe terem pedido os primeiros lugares do Reino, adquirem hoje toda a sua relevância: "Sabeis que os chefes dos povos os tiranizam e que os grandes os oprimem. Não será assim entre vós: o que quiser ser grande entre vós, que seja vosso servidor, e o que quiser ser o primeiro entre vós, que seja vosso escravo" (Mt. 20, 25-27).

#### - **Construir a cultura do cuidado comum**

O coronavírus desenvolveu-se na natureza, mas também matam outros "vírus" gerados pela nossa falta de liberdade, quanto esta se faz escrava de ambições e de interesses a curto prazo. Essa mesma ambição é a que está na origem da injustiça social que acaba com a biodiversidade do nosso planeta e cria o caldo de cultivo para a aparição de novos vírus e pandemias como a que

---

<sup>5</sup>BENEDICTO XVI: *Discurso a la asamblea plenaria de la Academia Pontificia de las Ciencias*, 6 de noviembre de 2006.

<sup>6</sup>*Id.*, *Caritas in veritate*, 71.

estamos a sofrer. *“Devido a uma exploração inconsiderada da natureza, o ser humano corre o risco de a destruir e de ser, por sua vez, vítima desta degradação”*<sup>7</sup>.

A nova situação gerada pela pandemia exigiu-nos autodisciplina e responsabilidade. Estes valores traduziram-se em comportamentos muito concretos e quotidianos que antes, no entanto, passavam mais inadvertidos. Da sua observância depende também a saúde dos demais. Esta nova experiência reafirma a necessidade de considerar em cada momento que modelo de sociedade e de cultura se está a promover. Quando a vontade individual e os seus êxitos se exibem como se fossem a genuína expressão da liberdade, como deter então a inércia do individualismo para que o barco vire no meio tormenta rumo ao interesse comum? Que terra acolherá a semente do cuidado e responsabilidade pelos demais, se nela não se foram cultivando os valores da justiça social?

Não podemos deixar de reconhecer nisto tudo uma responsabilidade pessoal, mas também institucional e política. A liberdade humana não cresce cresce espontaneamente como uma esporo. Desenvolve-se e amadurece ao abrigo da austeridade responsável e também pelo sacrifício pelos outros. Por isso, a situação que vivemos traz-nos uma advertência que não podemos deixar de ter em conta: é tão necessário contar com sistemas sanitários devidamente equipados para fazer frente às pandemias, como sociedades impregnadas duma cultura do cuidado para as prevenir e poder reagir contra elas. Ambas as coisas não se improvisam.

Por otro lado, como já salientei na minha carta pastoral ao convocar o Ano Santo, a nossa cultura ocidental não pode atirar pela borda fora, como um fardo antiquado, a sua tradição religiosa. É certo que esta tradição não possui nem mais nem menos o monopólio dos valores. No entanto, fortalece-os com um fundamento incondicional, além das circunstâncias culturais e acordos políticos. As nossas sociedades necessitam, juntamente com as suas próprias instituições, duma seiva que transmita esses valores para os nosso cidadãos, os legitime com raízes profundas e transcendentais, e os promova como incondicionais mais além dos nossos consensos. Para nos unirmos aos seres humanos necessitamos uma axiologia que vá mais além de um mero contracto social que possa dissolver-se quando já não seja útil ou proveitoso. É certo que, *“o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”* (Mc. 2, 27). No entanto, para que o sábado possa ter uma

---

<sup>7</sup>FRANCISCO, *Laudatosi*, 4.

vigência que ultrapasse as marés da história e seja libertador para todos sem exceção, necessitamos de Jesus Cristo, *único Senhor do sábado* (Cf. Mt. 12, 1-8).

Decorridos alguns decênios, quando o rasto do Covid 19 tenha ficado para trás graças ao esforço social, aos avanços científicos e ao mistério da oração, o que ficará da lição que estamos a aprender hoje? O cuidado pelos outros e o respeito pela biodiversidade do nosso planeta são a melhor vacina social para prevenir uma pandemia. Quando saqueamos os recursos da natureza e dos seus habitantes num *carpe diem*, como se não houvesse um amanhã, fabricamos a nossa própria bomba de relógio: *“Seria errado pensar que os demais seres vivos devam ser considerados como meros objectos submetidos ao arbitrário domínio humano. Quando se propõe uma visão da natureza unicamente como objeto de proveito e de interesse, isto também tem sérias consequências na sociedade”*<sup>8</sup>.

Por isso, mais do que nunca a Igreja terá de ser esse hospital de campanha como já nos assinalou o nosso Papa Francisco, para remediar a penúria dos que mais prejudicou a crise social, e também para continuar a promover uma cultura de responsabilidade aberta à transcendência, isto é, uma *ecologia integral*. Que a nossa fé como a do jovem Apóstolo Santiago se revitalize para avivar a nossa inteligência e todas as nossas capacidades. Que liberte a nossa criatividade para reconstruir as nossas sociedades e novas relações económicas que não hipotéquem o desenvolvimento que necessitam.

Mais do que nunca o trabalho activo de todas as *Caritas* será a expressão do que celebramos todos os domingos na eucaristia. Nela Jesus oferece-Se como pão para que depois transformemos a nossa sociedade e a nossa cultura com o óleo do consolo e o vinho da esperança. *“A solidariedade não é um simples sentimento de compaixão para com os mais débeis ou com a pessoa necessitada que está junto de mim”, é “a determinação firme e perseverante de nos empenharmos no bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, para que todos sejamos verdadeiramente responsáveis por todos”,* palavras de S. João Paulo II<sup>9</sup>.

Juntamente com o esforço de justiça e da caridade da Igreja, está o de todos os que na sociedade civil são os bons samaritanos nos princípios deste século XXI: todo o pessoal dos hospitais e de residências seniores, e todas aquelas pessoas que, arriscando a sua própria saúde velaram pela dos outros. O

---

<sup>8</sup>*Ibid.*, 82.

<sup>9</sup>JUAN PABLO II, *Sollicitudorei sociales*, 38.

Evangelho conduz-nos ao compromisso com a nossa sociedade civil, e a colaborar com as suas estruturas. *“O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma excelente forma de caridade”*<sup>10</sup>.

Seria meu desejo, queridos peregrinos, que, graças à vossa peregrinação, vos convertesseis em sinal e interrogante para os que vos observam ao longo do caminho de Santiago ou de outras formas de peregrinação. Que se possa vislumbrar que, se saístes da vossa terra, foi para voltar ainda mais comprometidos com ela. Que o Espírito Santo, o Espírito do Ressuscitado se incentive sobre as vossas mentes e os vossos corações para avivar o tição da compaixão e humanidade das nossas sociedades.

### **III.**

#### ***Santiago espera-te***

Queridos peregrinos, com Abraão, nosso pai na fé, na minha Pastoral de convocatória do Ano Santo Compostelano 2021, convido-vos a deixar a vossa terra e a meter-vos ao caminho até Compostela, porque o Apóstolo Santiago vos espera. Com estes pensamentos partilhados convosco, queria reiterar mais uma vez o convite para iniciarem o caminho.

Acreditamos que nessa altura já se encontrem reabertos os caminhos, os albergues, e os templos. Mesmo se tivermos que o fazer com restrições, não vamos perder o Ano da Graça que se nos oferece para revitalizar a nossa espiritualidade e fortalecer a nossa esperança: *“Faz com que daqui ecoe a esperança”*<sup>11</sup>, dizemos ao Apóstolo Santiago. A exortação ao sair da nossa terra, apesar de não poder ser uma expressão física e externa, continua vigente porquanto é a voz de Deus que nos convida a abandonar a nossa zona de conforto para nos mostrar a sua sempre renovada palavra; ou a abandonar esta terra de dor na qual nos encontramos enterrados e deixar-nos envolver pela esperança na glória de Deus que não defrauda, *“porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações através da dádiva do Espírito Santo”* (Rom. 5, 5). Dá que pensar no

---

<sup>10</sup>FRANCISCO, *Laudato si'*, 231.

<sup>11</sup>DANTE, *Divina Comédia. Canto XXV Paraíso*: *“Depois veio uma luz em nossa direcção daquela esfera donde saiu o primeiro sucessor de Cristo. E, a minha Senhora, cheia de alegria, disse-me: Olha, olha bem aquele por quem se visita a Galiza ... Então disse Beatriz, a rir : Oh ínclita alma por quem se escrevesse a generosidade desta Basílica, faz que ecoe a esperança: tu podes, pois tantas vezes o evidenciaste quando Jesus vos escolheu”*.

facto de que vamos sair da nossa terra quando estivermos confinados nas nossas casas, pois é esse espaço habitualmente tão familiar o que agora se tornou incerto. Mas temos de confiar: “¡Deus e o Apóstolo Santiago ajudam-nos!”.

Encomendando-vos ao patrocínio do Apóstolo Santiago e de nossa Mãe Virgem Peregrina, saúdo-vos com afecto e vos dou as bênçãos no Senhor.

+ Julián Barrio Barrio,  
Arcebispo de Santiago de Compostela.